

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO



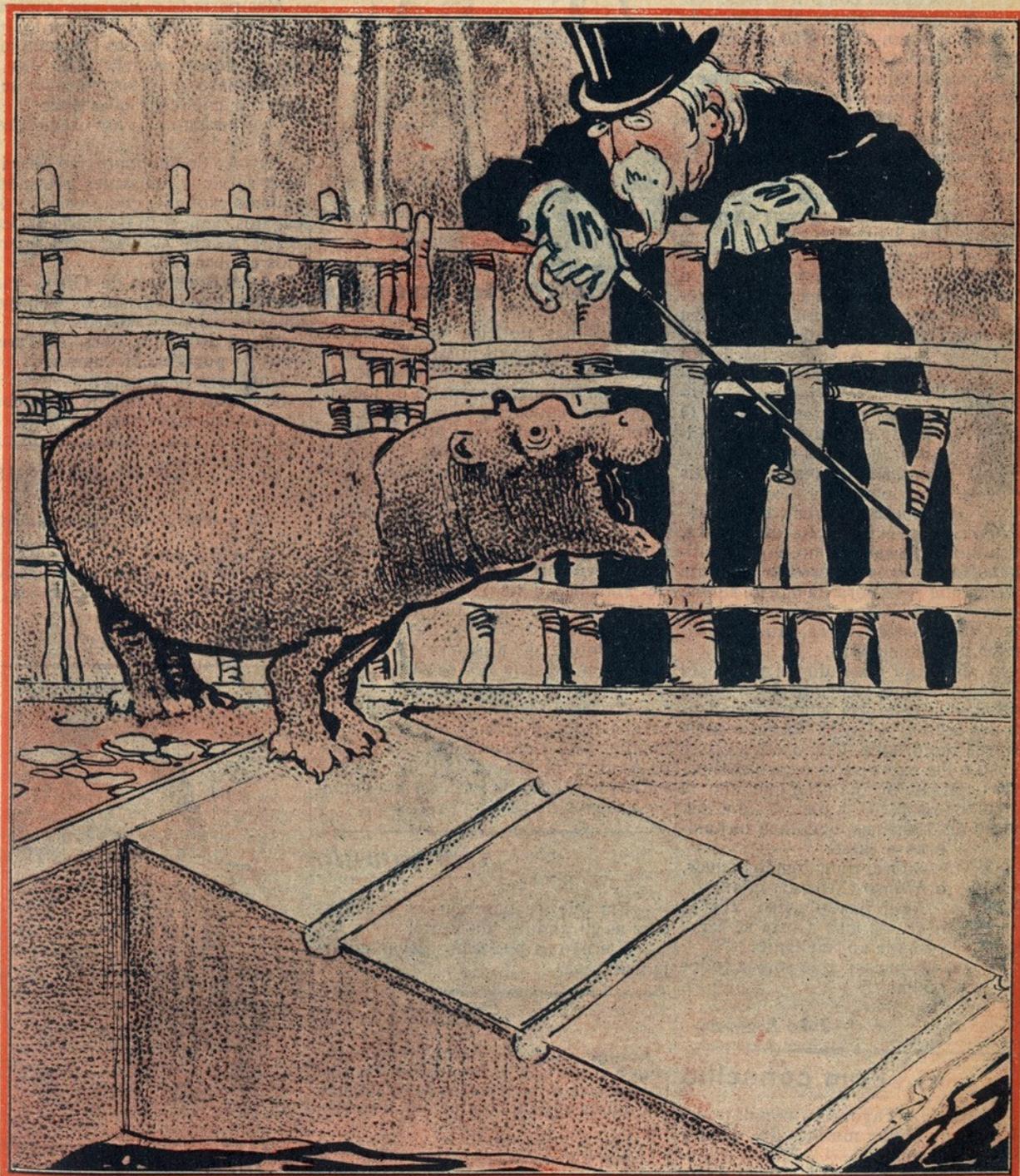
Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de L. DA SILVA ORAÇA, Lda.

EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS - RUA DO SÉCULO, 43 - LISBOA

NO JARDIM ZOOLOGICO



—Imagine o sr. dr. que mal tinham passado alguns dias sobre a minha entrada triunfal na jaula, desataram a apedrejar-me, a espancar-me...
—A quem o diz, meu amigo, a quem o diz...

PALESTRA AMENA

Gente despreocupada

Se a uma criatura que ignorasse absolutamente o que no atual momento vai por este mundo de Cristo, dissessem de sopetão: Este paiz, Portugal, está em guerra com uma das mais poderosas nações e, além d'isso atravessa uma crise que vai do sterlino das bolsas ao carvão e ás bolas dos fogareiros, aquele a quem tal dissessem sorriria, encolheria os hombros e responderia: Outro engulirá essa; eu, não.

E sobejariam razões ao homem para assim falar.

Eu não conheço gente tão despreocupada como a nossa. Os francezes, talvez. Mas não, não são tanto. Eles são realmente despreocupados, pessoas que encaram o perigo a sorrir e cujo bom humor, mesmo nas grandes crises, é inalteravel. Mas são previdentes. Pensam na vida. Deitam con'as á vida.

O francez é, sempre, economico. E' mesmo forreta. Sempre. Mas, n'este momento, a sua economia é ferocissima. Ultrapassa tudo o que se possa imaginar. Foi a sua previdencia, a sua economia que em 70 salvou a França, que Bismark pretendia esmagar sob o peso de uma indemnisação assombrosa. A França mostrou então que tinha sido sempre, que era então, um paiz de juizo. A indemnisação foi paga com a fortuna dos francezes. Não foi preciso recorrer á algibeira alheia. O pé de meia dos mais humildes despejou-se sobre o montão de ouro dos mais opulentos!

Grande, admiravel paiz!

Nós... Nós, em estado de guerra, vivendo não se sabe como, com a alimentação e outros generos de absoluta necessidade pela hora da morte, rimos, folgamos, passeamos, vamos ao teatro, aos touros, jantamos fóra—atiramos dinheiro pela janela fóra.

No domingo passado fui a Cascaes visitar um amigo. Encontrei no hotel Bristol, onde almociei, um tragalhadanças das minhas relações fazendo uma despeza importante. Como estranhasse o caso e lhe exprobasse o caso com palavras amigas, dizendo-lhe que não ia o tempo propicio a pagodes e a dispendio de dinheiros, encolheu os hombros e disse:

—Ora, quando não houver, o Afonso Costa arranja.

Aqui fica o aviso. Veja lá o sr. Afonso Costa se faz a vontade ao meliante.

E pensar que somos todos assim!

João Ripanso.

Bom conselho

—Olha lá, ó Fagundes, como poderia corrigir minha mulher do defeito de exagerar tudo?

—E' simples. Obriga-a a dizer a sua idade a toda a gente.

O feminismo

N'uma associação de classe, uma feminista, feia como os sete pecados mortaes, faz uma conferencia. E a certa altura exclama:

—Dizei-me, senhores, onde estaria o homem sem a mulher?

—No Paraiso, respondeu uma voz... autorisada.

MAIS UMA!



Um sujeito que se attra ao Tejo é salvo por um catraeiro.

O' homem, que lá você fazer! Olhe que me deve a vida!

—Meu Deus, mais uma divida!

Falta de metais

As ultimas noticias da Austria são desoladoras para os nossos simpaticos inimigos; ha indicios seguros de que estão na ultima, a respeito de metais, e, por consequencia, de munições.

Imaginem: foi arrancado o teto de cobre da igreja de S. Miguel, em Vienna; foram requisitadas todas as chaves dos imperios centrais, vendo-se alemães e austriacos obrigados a abrir portas e gavetas por meio de chaves de pau; os sinos foram substituidos por campanulas de vidro; os pregos, por cavilhas de madeira; e até o mercurio dos termometros foi requisitado para, solidificado pelo resfriamento, servir de balas, de modo que atualmente na Alemanha e na Austria não se sabe quando faz calor nem quando faz frio!

Felizmente estamos muito longe de esse estado, e quando mesmo aqui se manifestasse a crise da falta de metais, o Aquiles Machado, da Politecnica, e outros benemeritos forneceriam chumbo a menos de real!

Um cumulo

—Em que se parecem as creanças com as piramides do Egipto?

—Em não as podermos levar a parte nenhuma.

Suicidio

Antonio Cabreira, muito incomodado com a bisca que o ministerio da instrução largou ha dias á sua Academia, diz a um amigo, com ar de desespero:

—Vou suicidar-me!

—Que me dizes, homem!

—Sim, vou. Vou deixar Portugal e o estrangeiro!

Entre amigos

—Diz-me, Pancrácio, se eu te pedisse dez tostões o que sucederia?

—Nada, meu amigo; juro-te que não succedia nada!

Condecorações

Pede-se por cá o estabelecimento de condecorações, que pelos modos, se reconheceu que são muito necessarias. Trata-se, naturalmente, d'uma proteção á industria e ao commercio e por isso não é da nossa parte que apparecerão atritos; reconhecemos que as ourivesarias estão em crise e que o dever dos governos é acudir a todas as necessidades.

Mas permita-se nos que reprovemos o restabelecimento, que muito lembra transigencia com os principios da desigualdade social, uma das bases da monarchia. Porque não se hão-de criar condecorações novas?

Ocorreram-nos as seguintes ordens:

1.^a—A do Hipopotamo, para premiar serviços relevantes prestados aos animais exóticos, como criação de pagagaios, educação de macacos, etc.

2.^a—A dos Cabreiraceos, para sabios e inventores.

3.^a—A Borboleta de Oiro, para as meninas que cultivam os sentimentos amorosos dos forasteiros.

4.^a—A do Boato, para os conspirativos da porta da Havaneza.

Isto, para principiar.

Se nos lembrarmos de mais, comunicaremos superiormente.

Entre colegas...

—Cá por fóra? Já saiste do Limoeiro?

—E' o que vês.

—E que pensas fazer agora?

—Vou abrir um armazem de viveres.

—Tens socio?

—Não. Tenho uma gazua.

PAE AFLITO



—O' Carlos, acode, que a nossa filha enguliu o teu alfinete de gravata.

—Vai depressa chamar um medico, que eu tenho de pôr o alfinete logo á noite.

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para os alunos dos liceus)

O corpo humano — As mãos

Falei da cabeça, na minha ultima conferencia, e creio que os meus queridos ouvintes ficaram devidamente esclarecidos. Hoje tomarei como tema «As mãos», esses dois apêndices que já devem ter notado nas extremidades dos braços, incluindo n'esta denominação os ante-braços. As mãos, em quasi toda a gente são duas, podendo tambem ser uma, ou mesmo nenhuma, se a pessoa é maneta.

São duas, pois, em geral, dividindo-se em *direita e esquerda*, facilimas de conhecer, pois que a direita é a que se encontra no corpo do lado oposto ao esquerdo, e a esquerda, a que está do lado oposto ao direito. Das duas, a mais importante é a direita, tambem conhecida por «irmã da canhota», com a qual tem efetivamente muita semelhança; possui, como aquela, cinco dedos, mas dispostos ao contrario; os da mão direita são, contando da direita para a esquerda, se a mão tem as costas para a frente, meiminho, seu visinho, pai de todos, fura bolos e mata piolhos; os da esquerda tem os mesmos nomes, mas é preciso citá-los da esquerda para a direita.

A importancia da mão direita provém de que, a não sermos canhotos, é muito mais habil do que a esquerda. Com ela se praticam verdadeiras maravilhas, desde tenra idade; é com o fura bolos d'esta mão que se explora o interior do nariz, é com ela que dizemos adeus ás pessoas do nosso conhecimento, com ela que se aperta a mão do proximo, é na mão direita que tomamos a da noiva quando caímos na asneira de casar, é com ela fechada que fazemos gestos desagradáveis, etc.

As mãos, meninas e meninos, são pois dois órgãos preciosos, que devem conservar cuidadosamente. E' bom que as lavem de quando em quando, que cortem as unhas dos dedos, exceto as do mata piolhos e do fura bolos da direita, se tocam guitarra, que não cometam imoralidades com esta, emfim, que as considerem como um dom altamente respeitavel da natureza, visto que é a mão o que, principalmente, se beija ás senhoras, o anel da direita o que se beija aos bispos, é esta que abençoa—e por aqui me fico, para não os fatigar, não sem lhes dizer que á mesma natureza tem o dever de agradecer o trazerem as mãos pelo ar, quando muitas vezes—não me refiro ás pessoas presentes—as deviam trazer pelo chão. Tenho dito e espero os respetivos aplausos, atendendo a que um dos mais nobres empregos das mãos consiste em bater com elas uma na outra, quero dizer, em dar palmas.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

As boas amigas

—E' forçoso confessar que a Matilde é uma rapariga encantadora. Fala de tudo e com grande desembaraço.

—Questão de atavismo. O avô d'ela era barbeiro...



Alfredo Santos, do teatro «Republica»

E' tudo n'essa casa; sem o Alfredo
O anafado visconde emagrecia;
Dava o demo á cardada á companhia
Mudava-se o teatro n'um penedo!

E' d'ele a chave, o magico segredo
De dar a tantas coisas harmonia;
Põe e dispõe com tal sabedoria
Que é já bastante levantar um dedo.

E' ele quem, brilhando entre os atores,
Deixou, não sei por que, a cena amiga,
Onde nunca escutou senão louvores.

E' ele, emfim, que apanha a grande espiga
De pagar os direitos aos autores
—Graças a Deus, em boa hora o diga!

BELMIRO.

TEATRADAS

Carta do «Jerolmo»

Peras Ruivas, 30 de Agosto de 1916.

Sr. ridator

Cumo çabe cá istou in Peras Ruivas a beraniar dènes o perinsipio du mez i çou a dezerle ao fazer de esta ca minha é vóa grassas adeus i que istimo qestas duas regueras u vão incontrar de çau de in companhia de quem mais istimar.

Canto á çua miciva in que me diz que bão agora arreperzintarse duas arrevistas i que le fasso falta para a aperiasão, çou a dezerle que apersio mêmo cem ber i que çei munto ben cumo elas ção cumo ças bice. Ção as mêmas que tanho bisto á dez anos para cá, a çaver: a abertura é um cuadro de fantasia paçado no reino du amôr, das abes, das istrelas, ou coisa açim, intrando arrespestivamente: u amôr materno, paterno, interno, isterno, farterno, muderno, etc; ó u papagaio, u reichinol, a cutovia, a andurinha, etc.; ó a urça, u ceto istrelo, a ingreja da Istrela, a ústula com tu boi mosca, etc. Nece reino aparesse um avisitante du pais da mandria, i tal cim cenhor, i vai da in parte cum u avitante du dito reino a besitar u tal paiz qué Portugal. Mutação.

Sigundo cuadro: gavineto de adevugado, conçultorio de medeco, ajencia de cemilares. Este cuadro é sempre munto ingrassado, porque nelle o Nascimento Fernandes ó outro dão muntas cambalhotas. O's pois á um cuadro de rua i us ceguintes numeros de grande infeito: dueto du nabo i da cinoira, ó du pé i da meia, ó du bico i cabessa, ó da bouca i du nariz, ó, etc.; grupios para inzebir a ciencia endomintaria du sr. Castelo Beranco i as pernas das meninas coiristas, a çaber: as birtudes

tialugares, as banhistas, as çaias curtas, as lamparinas, etc. Aqui us cumpadres, Canastrão & companhia, fazem cumintarios munto ingrassados, pur inzepllo, a perposito das birtudes:

—Bem te cunheço, Caridade! Dás tudo i oito testões!

Das çaias curtas:

—E' p'rós homes terem menos trabalho.

O's pois ceguemce oitros cuadros cum politega prá gradar a talaças i repuvlicanos, isto é, á jeral i ós frequentadores de lugares caros; chamase çujo ó sr. Brito Camaxo, impótemo ó sr. Istevão de Bascunselos, maluco ó sr. Antonio Zé. I zás; atirace cum alguns berços partióticos de fazer termer a ferçura á parte cincivle da pelateia: u çol dal Jubarrota, Felipa de Bilhena, o recluta que vai prá guerra, etc. Tamem é ne-seçario um ó outro trexo cintimental, cumo verço infrasia: a çoidade, a ismola, a larguima du muribundo, etc.

Nu fim á palmas i patiada, aquelas da quelaque du triatro, i esta da quelaque dos triatros rivais, inimigos dos ótores, um amigo a quem não deicharam intrar no inçao geral...

No dia ceguinte certa impreença xama talentosos ós ótores, atores, musecos que cupiaram a museca, ó contra-regra, á atriz fulana que dá çorte ó critico i bai dain a rebista bai duzentas vezes á sena.

Já bê, sr. ridator que num bale a penna çair de Peras Ruivas pra le dezer estas coisas. Até outubro, ce intão já oyér que cumer in Lisboa, porque aqui ó menos tem a gente munto berde para ce ir çustentando.

Çoidades a quem pur mim pergontar deste ceu criado ca vida le deseja cem mais aquelas

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas

Pff!

Informa um jornal que na alfandega foram despachadas quatro celhas de queijos.

Queijos em celhas?

Aqui está porque çes cheiram ao que cheiram.

Se calhar, são celhas de lavar os pés.

Marques

Marques está escrevendo um romance cuja ação se passa na peninsula Iberica.

Ha dias, o nosso homem leu uns trechos da obra a uns amigos. D'elles destacamos o seguinte:

—Como se chama? perguntou o barão.

—Antônio, respondeu o joven em correto castelhano.

CREADO NOVO

—Onde serviu você?

—Em casa de um astronomo.

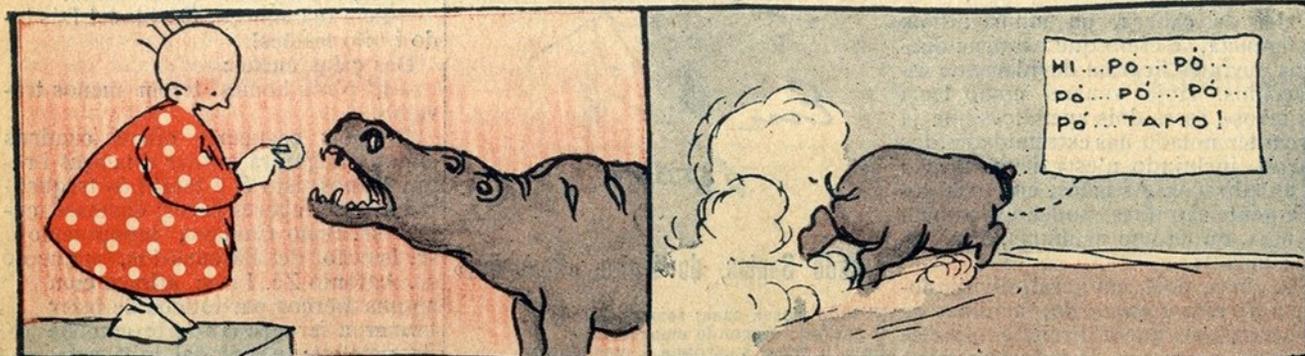
—E porque saiu de lá?

—Porque o patrão era muito exquisto e passava o dia a fazer observações.



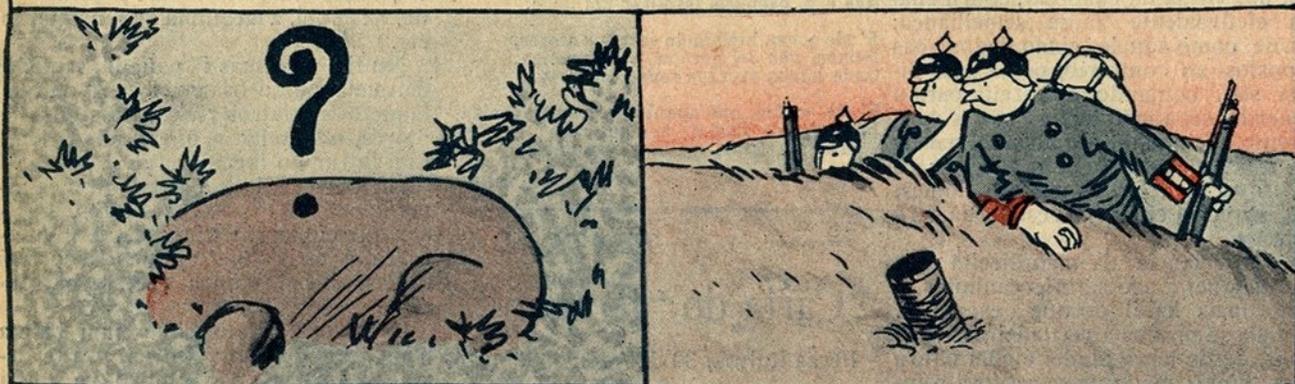
A vitória do hipopotamo

(2.º Episodio da 9.ª parte do PÉ FATAL)



1.—Toma, para te adoçar a boca e fíla um boche para conduto.

2.—A' força de 1-HPT á hora...



3.—De emboscada. (Hipopotamo escondido com o rabo de fóra).

4.—Vou mostrar ao komandante ke ser kapaz de kapturar um kamarada inimigo.



5.—Busca, que é caça grossa...

6.—E vae sentar-se, de atalaia, sem se aperceber sobre a lombreira do bicho.



7. Como debaixo dos pés se levantam os hipopotamos,

8.—O Quilm afirma ao boche que vale bem a pena sustentá-los a pão de ló...